



## ESTADOS UNIDOS

Senado veta proposta do Partido Republicano para pôr fim à paralisação dos serviços federais. Centenas de milhares de funcionários trabalham sem salário. Presidente culpa democratas, ameaça tomar medidas irreversíveis e fala em cortes

» RODRIGO CRAVEIRO

O primeiro *shutdown* (paralisação parcial do governo federal) desde 2019 começou à 0h de ontem (no horário de Washington) e ganhou contornos de disputa política. Os republicanos adotaram o termo “shutdown democrata” para se referirem à interrupção dos serviços públicos e responsabilizaram a oposição. “Os congressistas democratas fizeram a escolha de ‘desligar’ o governo. Suas ações partidárias estão minando os EUA na arena mundial e colocando em risco nossa segurança nacional”, advertiu o secretário de Estado, Marco Rubio. Por sua vez, o líder da minoria democrata no Senado, Chuck Schumer, e seu homólogo na Câmara dos Representantes, Hakeem Jeffries, declararam que “Donald Trump e os republicanos fecharam os serviços do Estado porque não querem proteger a saúde do povo americano”.

Em meio à troca de acusações, a Casa Branca ameaçou com “demissões em massa iminentes”. “Estamos trabalhando com agências em todas as áreas para identificar onde podem ser feitos cortes... e acreditamos que as demissões são iminentes”, declarou a porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt. Na tarde de ontem, pela terceira vez em 24 horas, o Senado fracassou em aprovar um projeto de gasto público dos republicanos.

Para formar a maioria de 60 votos (de 100), os senadores republicanos precisam contar com a adesão de mais sete democratas — até o momento, apenas três avalizam o texto. O Senado permanecerá fechado, pelo menos, até amanhã. A paralisação de 2019, ocorrida durante o primeiro governo Trump, foi a mais longa da história e durou 35 dias. Desde 1976, os EUA enfrentaram 20 shutdowns.

O vice-presidente americano, J.D. Vance, denunciou o uso da nova paralisação como chantagem. “Nos disseram que tirariam o governo da paralisação orçamentária, mas somente se destinarmos bilhões de dólares à saúde dos imigrantes indocumentados. É ridículo”, reagiu. O Escritório de Orçamento do Congresso estima que 750 mil funcionários públicos federais serão afetados pelo shutdown. Servidores considerados não essenciais foram afastados do trabalho. Aqueles cujas atividades são vitais para o Estado continuam o expediente, mas sem remuneração.

A Embaixada dos EUA em Brasília divulgou nota por meio da qual informa que a conta na rede X deixará de ser atualizada regularmente até a retomada total das operações, “exceto para informações urgentes de segurança”. “No momento, os serviços de passaporte e visto programados nos Estados Unidos e em Embaixadas e Consulados dos EUA no exterior continuarão, enquanto a situação permitir”, afirmou.

### Nobel

Em entrevista ao **Correio**, David E. Card — economista da Universidade da Califórnia em Berkeley e ganhador do Prêmio Nobel de Economia em 2021 — afirmou

# Promessa de demissão em massa

Brendan Smialowski/AFP



O Capitólio ao amanhecer, durante o primeiro dia de shutdown: impasse sobre o orçamento levou ao fechamento do governo

que, caso o shutdown dure menos de duas semanas, provavelmente não surtirá em grande impacto à economia americana como um todo. “Creio que essa seja a crença geral em relação às paralisações anteriores. No entanto, o shutdown ainda pode ser bastante prejudicial para servidores com salários mais baixos, como muitos funcionários da Agência de Segurança de Transportes (TSA), que precisam trabalhar sem remuneração e podem ter dificuldades para administrar isso”, comentou.

Segundo Card, muitos dados em tempo real não serão produzidos durante o shutdown. “Isso inclui a taxa de desemprego e as séries de empregos com folhas

de pagamento, ambas acompanhadas de perto pelo Fed (Banco Central dos Estados Unidos) e por Wall Street. Portanto, estaremos voando às cegas em um período de grande incerteza e sem dados confiáveis”, acrescentou. O Nobel de Economia advertiu: “Se o shutdown perdurar, estaremos em um território realmente desconhecido”.

Principal advogado de ética da Casa Branca no governo do republicano George W. Bush (2005-2007) e professor de direito da Universidade de Minnesota, Richard W. Painter disse à reportagem que a maioria dos escritórios do governo federal permanecerá fechada. “Funções essenciais, como as Forças Armadas e a aplicação da lei

federal, continuarão. A segurança aeroportuária e o serviço postal dos EUA também permanecerão em funcionamento”, comentou. “Na maior parte dos Estados Unidos, a polícia, os bombeiros, as escolas e os serviços sociais são locais, embora fundos federais ajudem a pagar algumas funções e serão cortados, pelo menos temporariamente. Os governos estaduais e locais terão que compensar a diferença”.

Painter alertou que, se o shutdown durar várias semanas, poderá prejudicar a economia norte-americana. “Muitas empresas que aguardam aprovações regulatórias ficarão paralisadas, incluindo patentes, novos medicamentos e licenças”.

### Eu acho...



Paul Kennedy

“Existe a possibilidade de que o presidente Donald Trump, que gosta de intensificar conflitos, crie maneiras de tornar até mesmo uma paralisação curta muito mais onerosa do que as paralisações anteriores. Por exemplo, as autoridades poderiam propor não pagar os salários atrasados de funcionários públicos — no passado, os servidores receberam vencimentos atrasados. Ou poderiam dar continuidade às ameaças de demitir muitos funcionários.”

**David E. Card**, economista da Universidade da Califórnia em Berkeley e ganhador do Prêmio Nobel de Economia em 2021



Arquivo pessoal

“O presidente dos Estados Unidos não pode demitir funcionários públicos de carreira, exceto em circunstâncias extraordinárias. Esses funcionários não trabalharão e não receberão pagamento temporariamente, mas terão direito aos seus empregos quando a paralisação terminar. A maioria também receberá salários retroativos quando a paralisação terminar, o que significa que o governo os pagou por não terem trabalhado.”

**Richard W. Painter**, ex-principal advogado de ética da Casa Branca (2005-2007) e professor de direito da Universidade de Minnesota

## ORIENTE MÉDIO

# Israel intercepta flotilha perto da Faixa de Gaza

A flotilha humanitária Global Sumud (“Sumud” significa “resiliência”, em árabe) estava a apenas 70 milhas náuticas (cerca de 129km) do litoral da Faixa de Gaza quando foi interceptada pelas Forças de Defesa de Israel (IDF). As 45 embarcações zarparam da Espanha, no mês passado, levando ativistas, jornalistas e políticos, com o objetivo de romper o bloqueio imposto ao território palestino e levar alimentos à população. “Vários barcos da flotilha Hamas-Sumud foram parados com segurança e seus passageiros estão sendo transferidos para um porto israelense”, anunciou o Ministério das Relações Exteriores de Israel, ao publicar no X um vídeo que mostra Greta recolhendo pertences, cercada por militares, dentro do barco Alma. “Greta e seus amigos estão bem e em segurança”, acrescentou o ministério.

A interceptação de parte da flotilha levou à primeira reação de um governo estrangeiro: o presidente da Colômbia, Gustavo Petro, expulsou a delegação diplomática de Israel em Bogotá. Petro qualificou o incidente como “crime internacional” e exigiu a libertação “imediatamente” de duas colombianas que estavam a bordo.

Entre os cerca de 500 tripulantes da Global Sumud, estavam a sueca Greta Thunberg; o brasileiro Thiago Ávila; e os também brasileiros Mariana Conti,

vereadora pelo PSOL em Campinas (SP); Nicolas Calabrese, coordenador da Rede Emancipa no Rio de Janeiro; Bruno Gilga, funcionário da Universidade de São Paulo (USP) e ativista da CSP-Conlutas; Lisiane Proença, comunicadora popular; Magno Costa, diretor do SINTUSP; Ariadne Telles, advogada popular e militante da luta pela terra na Amazônia; e Mansur Peixoto, criador do projeto História Islâmica; a deputada federal Luizianne Lins (PT-CE); Gabi Tolotti, presidente do PSOL-RS; e Mohammad El Kadri, presidente do Fórum Latino Palestino e coordenador da Frente Palestina de São Paulo.

O barco Alma, que levava Greta e Thiago, foi invadido por soldados israelenses. Os tripulantes foram detidos e serão deportados. O Ministério das Relações Exteriores de Israel assegurou que as IDF recolheram documentos em Gaza que comprovariam o “envolvimento direto” da flotilha Global Sumud ao movimento islamita palestino Hamas.

Às 19h40 de ontem, Lara Souza — coordenadora da delegação brasileira da Global Sumud — explicou ao **Correio** que 30 dos 45 barcos ainda navegavam em direção a Gaza. “Até o momento, não conseguiram interceptar toda a nossa missão. Esperamos romper o bloqueio. O objetivo

Eleftherios Elis/AFP



Barcos da flotilha Global Sumud, na Grécia, em 26 de setembro

de fazer uma missão tão grande e com tantos tripulantes era mostrar o poder da mobilização de pessoas comuns da sociedade civil”, disse, por telefone. “Temos pessoas de 46 países embarcadas. Isso deveria abrir os olhos da comunidade internacional e intensificar a pressão sobre o governo israelense, pois eles estão violando, mais uma vez, o direito internacional e literalmente sequestrando, em áreas internacionais, cidadãos de 46 países. O mínimo que esperamos é que essas nações se movimentem por seus cidadãos”, acrescentou.

Em 8 de junho passado, a ativista sueca Greta Thunberg falou ao **Correio** e denunciou a omissão da comunidade internacional ante o sofrimento do povo palestino. “Vejo um silêncio mortal,

passividade e ignorância sobre o que está acontecendo em Gaza. As pessoas sabem o que está acontecendo. As pessoas fizeram uma escolha por não agir e fazer tudo em seu poder para deter essa complicidade. Vejo uma falta de vontade imensa”, desabafou. “Há um genocídio em andamento, há uma fome sistemática de mais de 2 milhões de palestinos. Israel está bloqueando ajuda humanitária”.

### Plano de paz

O Hamas estaria propenso a não aceitar o plano de paz anunciado por Donald Trump, afirmou, sob a condição de anonimato, um dos líderes do movimento à emissora britânica BBC. Tanto o Hamas

Ministério das Relações Exteriores de Israel/X



Greta Thunberg recolhe pertences, ao lado de soldado israelense

quanto a Jihad Islâmica defendem um cronograma claro sobre a retirada de tropas de Israel da Faixa de Gaza. A proposta de Trump contemplaria um comitê de tecnocratas comandado pelo próprio presidente americano e com a participação do ex-premiê do Reino Unido Tony Blair; a imediata libertação de todos os reféns do Hamas; e presença de forças estrangeiras em Gaza; a anistia aos militantes de grupos palestinos que reconhecerem a necessidade de coexistência pacífica entre Israel e um eventual Estado palestino; e a reconstrução do enclave. A Casa Branca teria prometido ao primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, uma espécie de imunidade ante acusações na Justiça. **(Rodrigo Craveiro)**